

# Elementos para uma espiritualidade das mulheres

## AS MULHERES NO PLURAL

Falo das mulheres; falo no plural.

Nao porque rejeite a originalidade de cada mulher, mas para que essa originalidade possa emergir no contexto humano mais vasto que a torna possivel, que a gera, que a acolhe.

Falo das mulheres; falo no plural.

Porque hoje e possivel caracterizar sociologicamente o grupo mulheres; dizer o que, na sua evolucao psicologica, liga entre si todas as mulheres; distinguir, na evolucao historica, os sulcos ja abertos pelas mulheres e os caminhos de pensamento e de accao a que podem conduzir quando o privado desembocar, por mil afluentes, no imenso rio que e o publico.

Falo das mulheres; falo no plural.

Porque as mulheres se encontram no cerne de questoes vitais da estrutura social; do seu comportamento enquanto grupo vai depender a definicao de politicas publicas decisivas para o futuro de cada pessoa e da humanidade; porque, sabendo-o ou ignorando-o, elas sao os agentes sociais mais decisivos da orientacao da civilizacao neste fim de seculo; porque - como o tenho dito e repetido em *Fundação Cuidar o Futuro* - as mulheres sao potencialmente o mais forte, o mais internacional, de todos os movimentos sociais.

Falo das mulheres; falo no plural.

Porque desde Vaticano II se tornou bem claro o que a mensagem crista nos ensina : ninguem se salva sozinho, e como Povo que recebemos a salvacao de Deus.<sup>1</sup> As mulheres sao uma parte desse povo, "etnia" particular sem territorio mas portadora de valores e de cultura decisivos na historia desse Povo e no seu caminho para a salvacao de Deus.

---

<sup>1</sup> Lumen Gentium, par. 9



## 1. A INDIVIDUACAO - NASCIMENTO PSIQUICO

As mulheres estao ligadas umas as outras pelas condicoes primeiras da sua existencia - o seu processo de individuacao faz-se em relacao a mae.

A fase autista da unidade simbiotica com a mae, sucede-se a separacao. As condicoes da unidade e da separacao sao factores decisivos na vida de cada mulher. E que na sequencia dessas duas fases esta o momento-chave da identidade de cada mulher, momento que se pode considerar como de um verdadeiro "nascimento psiquico".<sup>2</sup>

Reina sobre esse pedaco da historia individual das mulheres um grande silencio. Sera que o pudor que hoje se acomoda sem perturbacao ao nu fisico poe entraves a esse nu psiquico? A sociedade interessa que assim seja. E facil ver porque. A grande percentagem de mulheres na populacao activa que, de repente, tomasse consciencia da importancia dessa relacao primordial conduziria a uma mudanca radical: do entendimento do trabalho, do seu ritmo, das suas condicoes, da sua compatibilidade com a presenca junto a crianca do sexo feminino em processo de "nascimento psiquico". Se cada mulher no mundo do trabalho tomasse consciencia da importancia da sua relacao a crianca nesse processo, as regras que conduzem o universo laboral saltariam.

Mas tal nao acontece. Para a grande maioria das mulheres permanece alheio o entendimento existencial das leis que determinam a evolucao psicologica da pessoa humana.

No caso das mulheres cristas, esse conhecimento e substituido muitas vezes por uma hiper-valorizacao da maternidade entendida como "dimensao da vocacao feminina"<sup>3</sup> e vista como ponto de chegada do processo de gestacao.

E certo que a carta "Mulieris dignitatem" fala do papel decisivo da mae para os fundamentos de uma personalidade humana nova<sup>4</sup> mas reduz o alcance desse papel ao assimila-lo a tarefa de educacao a que chama a "dimensao espiritual da funcao dos pais".<sup>5</sup>

Contrariamente ao desconhecimento generalizado entre as mulheres quanto as suas condicoes do "nascimento psiquico", a iconografia popular e de uma grande forca. As estatuas de Sant'Ana que apareceram, primeiro na Idade Media, e mais tarde, nos sec. XVI e XVII transformam-se, em alguns casos, na estatuaria a que o povo

---

<sup>2</sup> Les femmes pacifiques, ed. Des Femmes, pg.

<sup>3</sup> "Mulieris dignitatem", 1989, par. 17

<sup>4</sup> ibid. para.

<sup>5</sup> ibid. para.

chama "As Santas Maes" <sup>6</sup>, onde Maria e Ana, vindas de um tronco comum, parecem indicar essa unidade simbiótica entre mãe e filha. De resto não será essa também a ideia de Leonardo de Vinci quando faz nascer de um mesmo seio, o de Sant'Ana, Maria e o Menino?<sup>7</sup>

## 2. O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO

As mulheres forjam a sua identidade na interiorização das figuras centrais da sua vida. O super-ego, indispensável à condução da própria vida e à gestão das pulsões, precisa dessas figuras como esteio da sua lenta elaboração. Contrariamente ao que Freud, sem dúvida influenciado pela sociedade do seu tempo, descrevera no início do século, o super-ego não tem unicamente como quadro de referência o mundo dos valores paternos e as pulsões que ligam a pessoa humana à figura do pai. É decisiva, na formação da raparigui-nha, a identificação à mãe ou a outras mulheres.

Ora num inquerito que conduzi nos anos 1986 e 1987 entre raparigas universitárias de países altamente industrializados (Japão, Canadá, norte da Europa) verifiquei que a geração dos 20/30 anos não tem interiorizadas figuras femininas (a não ser para 1/3 das japonesas as figuras femininas da família). A rotura de modelos que teve lugar entre essa geração e as que a precederam conduz à formulação de aspirações expressas através de tudo o que se identifica de longe ou de perto com a "carreira".

O que me leva a por à questão de saber se há nas actuais conquistas das mulheres valores que correspondam a uma identidade própria ou se as mulheres estão apenas a recapitular processos seguidos pelos homens décadas ou séculos atrás.

É certo que os tempos de hoje - na dispersão das imagens e das solicitações que provocam, na rapidez com que se sucedem as impressões recebidas - tem tornado pouco viável o processo de identificação que ajuda a construir o super-ego, sede não-voluntarista de valores.

Por isso mesmo quando se fala em "crise de valores" não creio que o que está em causa em primeiro lugar seja a ausência de ideias abstractas, de ideais nobres, de propostas morais. A meu ver o que está em causa é a ausência de relações afectivas fortes que tenham acompanhado o crescimento psíquico da pessoa.

As mulheres cristãs não escapam a este fenómeno. Uma noção inteiramente não-científica de autonomia leva-as muitas vezes a rejeitar o próprio processo de identificação que as formou. Segue-se uma des-construção cujas consequências são imprevisíveis. O sintoma exterior é o de um retorno a uma fase infantil do cres-

---

<sup>6</sup> Museu Soares dos Reis

<sup>7</sup> Museu

cimento com as suas características de regresso ao seio da família, de enriquecimento das memórias da infância, de fixação em afectos que se situam nos antipodas do que fora durante anos o seu super-ego.

Cristas ou não, as mulheres que nunca passaram pelo processo de identificação com outras mulheres ou que o rejeitaram procuram então desesperadamente uma nova identidade - quantas vezes como os pedacos desencontrados de um quadro cubista!

"A rapariga diante do espelho" de Picasso não é apenas uma distração para os olhos. É a certeza de que precisamos de ver a imagem para nos vermos, para nos definirmos e conhecermos. Ou a certeza de que o modelo que nos forma, mesmo se o receamos como se fora uma imagem no espelho, é sempre diferente do que nos próprias somos!

### 3. PARA ALEM DA IGUALDADE

As mulheres têm vivido as duas últimas décadas sob a bandeira da igualdade. Embora a prática esteja ainda longe das disposições legais, pode afirmar-se que a conquista da igualdade entre homens e mulheres foi a grande luta que as mulheres travaram nos últimos 15 a 20 anos.

No seguimento de outros movimentos sociais, as mulheres diagnosticaram as discriminações de que sofrem em todos os sectores da vida social. Criou-se assim um verdadeiro direito internacional que foi sendo incorporado nas legislações nacionais.

Com muitas outras mulheres, acreditei que a situação de igualdade, vivida por um grande número de mulheres, conduziria a uma alteração qualitativa dos vários domínios da actividade humana. Haveria assim transformações profundas no trabalho, na economia, nos serviços públicos, na política. Acreditei...

Hoje tenho de reconhecer que essa alteração está longe de ser visível ou mesmo apenas perceptível. Pelo contrário, as mulheres parecem vir reforçar o statu quo, adaptando-se, sem contestação, as normas criadas pelos homens. Nos casos excepcionais em que uma ou outra mulher rompe esse marasmo da igualdade forçada, são muitas vezes as outras mulheres que se mantêm a uma prudente distância, retirando-lhe a única base social de apoio que ela poderia legitimamente esperar.

Mais graves são as consequências dessa assimilação. A adaptação das mulheres às normas vigentes faz-se ao preço de uma sobrecarga desumana de trabalho para a grande maioria de mulheres - essas mulheres que no nosso país constituem 42% da população activa, número de resto só igualado, dentro da CEE, pela França e pelo Reino Unido.



Imersas deste modo nas estruturas que o homem criou, as mulheres adaptam-se por um grande preço: o do silenciamento do seu contributo próprio, da sua cultura de mulheres.

Paralelamente aos povos de independencia recente, tambem o povo que as mulheres constituem nao pode afirmar-se nem adquirir uma identidade propria so na defesa da sua autonomia civica, da sua existencia a face da lei. Nao lhe basta o exercicio da sua "soberania" sobre o seu "territorio". Para se constituir enquanto povo, i.e., enquanto cultura diferenciada que tem respostas novas para as situacoes e para os problemas, que exprime atitudes ineditas na vasta gama das ideias, dos sentimentos e dos gestos, as mulheres tem que assumir que a igualdade e um principio de direito e nao uma bitola de nivelamento da vida.

Igualdade nao significa uniformizacao, troca indiferenciada das pessoas umas pelas outras. O principio da igualdade garante que nao ha discriminacao por causa das diferencas. Em vez de legitimar a uniformidade, salvaguarda a diferenca. Em vez de nivelar, diz que a novidade e salutar.

Ora as mulheres, tendo tido uma pesada experiencia dos riscos a que a afirmacao da diferenca as expoe, tem-se submetido facilmente as exigencias da "ideologia da igualdade". Sao diversas e enganadoras essas exigencias: as tomadas de posicao dos grandes aparelhos que se consideram guardiao das ideologias; as tecnicas de grupo que estabelecem o principio da rotatividade de todas as funcoes como sequencia logica do principio da igualdade. Uns e outras nao fazem senao garantir por todos os meios a defesa da sociedade e das instituicoes perante os movimentos portadores da diferenca (que as poderia por em causa em alguns dos seus fundamentos).

Essa ideologia da igualdade, aparentemente guiada pelo respeito dos direitos individuais e pelos altos ideais da liberdade, tem as suas raizes mais fundas nas tendencias totalitarias de pessoas e grupos e nos sentimentos de "inveja"<sup>8</sup> que participam na estruturacao dos mecanismos de relacionamento de cada pessoa.

Apesar do perigo que vejo na ideologia da igualdade, nao posso deixar de considerar como positiva toda a afirmacao de igualdade que se centra na dignidade da pessoa humana, mulher ou homem. Por isso reputo de grande importancia historica a longa afirmacao de Joao Paulo II sobre a igualdade entre homens e mulheres na sua carta sobre a dignidade das mulheres. Essa afirmacao e tanto mais significativa quanto mais reconheco na argumentacao seguida fragmentos que vem do proprio pensamento das mulheres - de Edith Stein

---

<sup>8</sup> Nao me refiro obviamente a inveja enquanto categoria moral mas sim a inveja enquanto conceito psicanalitico, cf. "Les femmes pacifiques"

no inicio dos anos 40 as teologas que se situam de forma criadora no movimento das mulheres.

A igualdade tem de ser afirmada e defendida - e sei bem ate que ponto, na ordem pratica, as mulheres estao ainda longe de a conseguir. Mas e importante que qualifiquemos a igualdade. Chamei ha alguns anos a igualdade entre os homens e as mulheres "a igualdade inedita e subversiva".<sup>9</sup>

E que a igualdade poe inevitavelmente o problema da "norma. Por isso, sendo historicamente inedita, ainda titubeante, ela e sempre potencialmente subversiva. Nao deixa incolume a norma - afecta-a, transforma-a. Dai o potencial de mudanca que as mulheres conscientes de si mesmas podem trazer consigo.

## AS MULHERES COMO POVO

O momento que as mulheres vivem e decisivo, como o e tambem para os grandes movimentos sociais do nosso tempo.

Se as mulheres forem capazes de trazer aos varios dominios da actividade humana a novidade do que sao, a cultura feminina podera ajudar a tracar caminhos novos e a enriquecer tudo o que e humano.

Se assim nao acontecer, apenas nos restara a esperanca de uma "diaspora" reunindo por fios invisiveis as mulheres que em todos os dominios e em todos os continentes se aventuram no inedito.

### Fundação Cuidar o Futuro

E nesta situacao de transito que as mulheres se encontram hoje - a caminho do lugar que e o seu, na expectativa de um tempo cuja gestacao ainda nao chegou ao seu termo.

A importancia dos movimentos de mulheres reside exactamente na possibilidade de tornar a diaspora um povo, num espaço e num tempo onde se molda, exprime e aprofunda a cultura feminina.

#### 1. DAS IMAGENS A VOCACAO

As mulheres cristas tem vivido de forma particularmente aguda a busca da igualdade. E sem duvida nos EUA que essa busca tem sido mais intensa. Basta referir como prova do significado institucional da accao levada a cabo pelas mulheres, a carta dos Bispos americanos que foi elaborada em dialogo com mulheres em todas as

---

<sup>9</sup> MLP, "L'egalite inedita et subversive" in "L'egalite", Rencontres Internationales de Geneve, ed. La Baconniere, 1982

situacoes de vida, com representantes dos grupos e movimentos de mulheres.

E certo que a hiper-simplificacao a que fora reduzido o lugar das mulheres na Igreja - imitar o exemplo de Maria, "Virgem e Mae" <sup>10</sup> - nao podia dar resposta a mudanca radical que se operou na vida das mulheres. Donde o "desconforto" de muitas mulheres, a sua insatisfacao. Era necessario abrir novos caminhos, face a interrogacoes para as quais nao existiam respostas feitas.

O binomio "Virgem e Mae" e muito rico de perspectivas para esses novos caminhos, mas, na pratica, "a poeira dos seculos" carregou-o de interpretacoes patriarcais. No limite, sao a virgindade consagrada a Deus e a maternidade fisica que sao oferecidas como equivalendo aos dois termos do binomio. Julgo que a reducao simplista da vocacao das mulheres ao mero quadro social e psicologico da gestao da sexualidade nao chega para a complexidade das situacoes em que se movimentam as mulheres dos nossos dias.

Por isso vale a pena clarificar os varios niveis a que se manifesta o ser mulher. Segundo a caracterizacao feita ha alguns anos ja por uma filosofa francesa <sup>11</sup>, ha que distinguir quatro niveis: a situacao civil, a vocacao, as funcoes, os papeis sociais.

A situacao civil das mulheres insere-se, na civilizacao ocidental, dentro do quadro que a sociedade laica estabelece. As modificacoes dos costumes dos ultimos 25 anos conduzem a muitas situacoes que nao estao previstas na lei. Assim, por exemplo, no inicio da decada de 80 um estudo realizado pela Universidade das Nacoes Unidas sobre estilos de vida alternativos na Europa indicava, so na RFA, mais de 3000 comunidades de vida cujo estatuto civil nao esta compreendido nas leis vigentes. Embora a preocupacao de criar estilos alternativos tenha diminuido na segunda metade da decada com a vaga de narcissismo que tem atingido de forma muito especial as mulheres quadros, a situacao civil continua a nao ser muito clara. Mas essa falta de clareza juridica apenas confirma o que pretendo sublinhar: o absurdo de qualquer tentativa de equivalencia entre a situacao civil das mulheres e a sua vocacao.

A vocacao nao e, pois, o "baptismo" de uma situacao civil determinada - aparentemente religiosa, tal atitude significaria uma insustentavel secularizacao de uma esfera da vida que nao pode ser subordinada nem as contingencias da sexualidade nem as regras juridicas da sociedade civil. A vocacao e o apelo desdobrado no tempo a realizacao de uma missao em que ganham sentido os dons e as condicoes da vida de cada mulher. E um projecto de vida, feito de mil instantes e possibilidades, integral de muitas situacoes

---

<sup>10</sup> Infelizmente tambem o Santo Padre na sua recente carta reconduz o seu pensamento a esta formula simplificadora. (para.

<sup>11</sup> Yvonne Pelle-Douel, in "Etre femme", 1967



diversas. E, ao mesmo tempo, uma leitura da historia individual e a sua projeccao confiante no futuro. E, no sentido freudiano do termo, a realizacao de um "destino".

As funcoes sao o lado visivel, exterior, "produtivo" da vocacao. Equivalem as tarefas concretas que cada pessoa e chamada a realizar quer pela natureza do trabalho que lhe cabe quer pelas condicionantes sociais que o determinam. As funcoes variam com a etapa da vida de cada mulher, com a sua situacao cultural e com as exigencias que dela decorrem. E sem duvida ao nivel das funcoes que mais se tem feito sentir as consequencias das transformacoes societais do nosso tempo no que diz respeito a vida das mulheres.

Os papeis sociais ja se situam num outro registo. Nao sao ja as funcoes/tarefas concretas exigidas pelo trabalho, mas sim o resultado das expectativas e dos investimentos afectivos dos outros nos varios circulos de relacionamento a que a mulher esta vinculada. E atraves dos papeis que assumem numa comunidade ou num grupo que as mulheres exercem o poder. E nos papeis que desempenham que as pessoas sao entronizadas ou destronadas. E ao nivel dos papeis que os grupos de mulheres encontram as suas maiores dificuldades ja que o investimento afectivo que as mulheres poem umas nas outras e profundamente influenciado pela historia da individuacao de cada mulher - e sobre essa historia nenhum grupo pode modificar os dados por maior que seja o seu grau de empenhamento no movimento das mulheres...

Papeis, funcoes, vocacao, situacao civil, nao funcionam em vaso fechado. Se e certo que se influenciam mutuamente nao e menos certo que sao todos dependentes das imagens veiculadas pelas grandes industrias fazedoras de opiniao e de valores. As imagens que as mulheres recebem sobre si proprias sao o resultado, em parte, das transformacoes sociais ja reconhecidas, mas sao, sobretudo, e numa larga medida, as condicionantes do que as mulheres vao pensar sobre si proprias, das suas escolhas, do seu "destino" e da forma como vao realizar funcoes e desempenhar papeis.

Perante esta complexidade de factores autonomos e interdependentes, nao e de estranhar que o debate generalizado nos EUA tenha mais a ver com as funcoes que as mulheres exercem do que com qualquer outro aspecto. O que fica por resolver nesse debate e ainda e sempre a relacao entre o "destino" de cada mulher e a identidade cultural deste povo que sao as mulheres.

## 2. AS MULHERES, DISCIPULAS DE CRISTO

Parece-me muito significativo que Joao Paulo II dirigindo-se as mulheres e falando sobre as mulheres, tenha posto, sem qualquer reticencia, o lugar das mulheres no Evangelho como de verdadeiras discipulas de Cristo. Ai reside, em meu entender, a novidade da posicao oficial da Igreja quanto as mulheres.

Nao se trata apenas de uma referencia geral a presenca das mulheres na multidao que seguia Jesus nem tao pouco da des-cricao da sua fidelidade no Calvario e da sua generosidade no anuncio da Ressurreicao. Esses aspectos ha muito que constituem um adquirido da doutrina da Igreja e referentes importantes da espiritualidade das mulheres. E de outro registo que se trata: tres momentos em que a afirmacao publica das mulheres na comunidade das discipulas e dos discipulos ganha uma grande forca.

O momento-chave e o do encontro com Marta <sup>12</sup>, apos a morte de Lazaro.

Cristo vem a casa do amigo morto e parece quere consolar Marta dizendo-lhe que o irmao ha-de ressuscitar. Marta responde-lhe:

*"Eu bem sei que ele ha-de ressuscitar no ultimo dia."*

Cristo dirige-lhe entao o que nao pode deixar de ser uma afirmacao solene, de pessoa a pessoa. Fala-lhe de Si proprio - e pede-lhe a resposta que a confirmara ou nao como discipula. Diz-lhe:

*"Eu sou a ressurreicao e a vida;  
quem cre em mim, ainda que essteja morto, vivera;  
e todo aquele que vive e cre em mim nunca morrera."*

E Marta responde-lhe:

*"Sim, Senhor,  
creio que tu es o Cristo,  
o Filho do Deus vivo  
que vem ao mundo."*

Encontramos uma resposta identica da parte de Pedro num outro momento do Evangelho.<sup>13</sup> Os discipulos dizem a Cristo que as pessoas pensam que Ele e Joao Baptia, Elias ou mesmo Jeremias. Cristo pergunta-lhes:

*"Mas vos quem dizeis que eu sou?"*

Pedro espontaneamente responde:

*"Tu es o Cristo,  
o Filho do Deus vivo."*

Entre a resposta de Marta e de Pedro ha um paralelismo total. A afirmacao de fe em Cristo enquanto Filho de Deus e directa e clara. Tem tanta importancia que e, reagindo a ela, que Jesus confia a Pedro a Sua Igreja. E Marta? Nao e legitimo pensar que, de um modo que desconhecemos, tambem nela assentara a Igreja de Cristo?? Talvez seja essa intuicao que Joao Paulo II pressente quando diz na sua carta que a passagem referente a Marta e "uma das mais importantes do Evangelho"...

### 3. A LEGITIMACAO DA LEI NAO-ESCRITA

O caso de Marta nao e um caso isolado no Evangelho. Um outro momento aparece aos nossos olhos hoje como tao importante

---

<sup>12</sup> Jo, 11, 23-27

<sup>13</sup> Mt. 16, 13-16

que um dos mais significativos livros de Teologia sobre o lugar das mulheres no Cristianismo lhe e inteiramente dedicado. E Marcos que conta: <sup>14</sup>

"A Pascoa e os Azimos deviam ter lugar dentro de dois dias. (...)

Jesus encontrava-se em Betania, em casa de Simao, o leproso.

Quando Ele estava a mesa,  
chegou uma mulher,  
com um frasco de alabastro,  
contendo perfume de nardo puro,  
de grande preco.  
Quebrando o frasco,  
derramou o perfume sobre a cabeça de Jesus.

Houve algumas pessoas que se indignaram:

"Para que tal desperdicio de perfume?

Este perfume podia ser vendido por mais de 300 dinheiros e ser distribuido aos pobres."

Ao falarem assim, tratavam-na mal.

Mas Jesus disse:

"Deixai-a; por que a importunais?

O que ela fez foi uma boa obra;  
os pobres te-los-eis sempre convosco  
e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes bem,  
mas a mim nao me tereis sempre convosco.

Ela fez o que estava em seu poder:

por antecipacao

ela preparou o meu corpo para a sepultura.

Na verdade vos digo,  
onde quer que seja proclamada a Boa Nova,  
no mundo inteiro,  
dir-se-a tambem,  
em memoria desta mulher,  
o que ela acaba de fazer."

A solenidade da afirmacao de Cristo, a sua forca profetica levam a pensar que, pelo seu gesto, esta mulher fez mais do que testemunhar um respeito generoso: obedeceu a um rito sagrado; fe-lo por antecipacao; deu expressao publica a esse rito.

Nao posso deixar de encontrar neste acontecimento da vida de Jesus um espantoso paralelo com o mito de Antígona, tal como Sofocles o desdobra na tragedia que sobre ele escreveu. E nao e de menos importancia o facto de o mito de Antígona ser aquele que, com mais persistencia, reaparece em varias etapas e culturas da civilizacao ocidental.

---

<sup>14</sup> Elisabeth Shussler-Firenza, "En memoire d'elle", ed. du Cerf, 1986



Porque esse fascínio? Aparentemente Antígona não faz nada de extraordinário: apenas quer dar sepultura ao corpo do irmão que o rei de Tebas ordenara fosse deixado sem sepultura. A lógica de Creonte é insofismável: cabe-lhe defender a lei e a ordem. Mas a de Antígona é-o igualmente: cabe-lhe respeitar e cumprir os deveres que os deuses sempre ordenaram.

A atitude de Antígona ultrapassa a atitude de confronto entre duas lógicas: ela quer integrar na lógica cega da cidade a lógica dos deveres humanos mais sagrados. Ela quer dar a sua responsabilidade de mulher - no que ela tem de cuidado pelos irmãos e de atenção a lei não-escrita - a legitimidade da lei escrita e pública.

Essa aspiração de Antígona está ainda hoje por materializar. Representa ainda "um conflito psico-social primordial"<sup>15</sup>, na medida em que "a segregação dos homens e das mulheres em esferas separadas é um invariante na história da civilização."

É certo que no episódio da unção de Cristo o confronto entre a mulher que o ungiu e os discípulos que estão presentes não toma as proporções trágicas do confronto entre Antígona e Creonte. Mas estão presentes nesse facto os principais ingredientes da tragédia de Antígona:

- trata-se de obediência a costumes sagrados, de um rito de sepultura inscrito na moral que funda a civilização em que o facto tem lugar - e o próprio Cristo que diz ser o gesto da mulher a antecipação do rito da sua sepultura;
- o fundamento da indignação dos discípulos contra a mulher que ungiu Jesus é, como na tragédia de Antígona, a lógica política: a boa utilização do dinheiro e o argumento em favor dos pobres parece tão irrefutável como o argumento do rei Creonte ao querer defender as leis políticas que regem Tebas;
- tal como Antígona, consciente de que não pode ir além desse gesto de compaixão pelo corpo do irmão, também a mulher que ungiu Jesus faz o que está ao seu alcance; por isso Cristo diz que "ela fez o que estava em seu poder".

De outra natureza é o diálogo entre Cristo e a samaritana<sup>16</sup>. Aí se processa um espantoso vai-vem entre afirmações solenes da divindade de Cristo e de conversa despreocupada de mulher a cuidar das necessidades do dia-a-dia, entre o anúncio da missão de Cristo e a consciência súbita de que Jesus é verdadeiramente o Cristo.

Mas também aí o gesto familiar de tirar a água do poço vai dar lugar a um anúncio público. A mulher larga o cantaro e corre para a cidade a contar que encontrara o Cristo:

---

<sup>15</sup> Rosiska Darcy de Oliveira, in "La formation des femmes en tant que miroir de l'ambiguïté", em curso de publicação

<sup>16</sup> Jo, 4, 39-42

"Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu tenho feito.

Nao sera ele o Cristo?

(...)

"Um bom numero de samaritanos acreditaram nele por causa da palavra da mulher que dizia: Ele disse-me tudo o que eu tenho feito."

Estas mulheres vivem historicamente aquilo que o mito de Antígona prefigurava: e na relacao com uma sabedoria de antes das leis escritas, e de uma fonte anterior as regras e as normas da cidade dos homens, que estas mulheres retiraram a capacidade de ser/dizer a palavra/fazer o gesto que as coloca no centro mesmo da historia e que por isso lhes confere uma plena identidade enquanto discipulas de Cristo.

## CAMINHOS PARA UMA ESPIRITUALIDADE DAS MULHERES

Mas que caminhos, que processos, levam as mulheres ate essas fontes? Nao e possivel iludirmos a resposta: a busca espiritual das mulheres tem de tocar no fundo do seu proprio ser - aquilo que algumas das teologas americanas dizem que e tocar no "fundamento do ser", na raiz mesma do ser... E ai, na experiencia de si mesmas e do mundo vivido dentro de si, que as mulheres podem encontrar a forca que as levara (talvez...) a mudar os valores da sociedade.

Estamos assim no caminho do que podemos timidamente chamar a "espiritualidade". Nao e num intimismo sem relacao com as coisas, com o mundo e com a historia, nao e sequer nas praticas antigas e modernas de meditacao que as mulheres podem procurar plenamente o encontro com Deus.

### 1. A PARTIR DE "DENTRO" DA HISTORIA

E no meio da historia, no contacto com as coisas e com os outros, nas circunstancias mais quotidianas ou mais excepcionais, e ai que se da essa incarnacao da Fe: o momento exacto em que a procura pessoal de Deus se insere na historia dos homens e, por isso mesmo, a anima e transfigura por dentro.

Que dizer entao sobre essa espiritualidade? Hoje e frequente ( e nao e minha preocupacao fazer aqui esse resumo) em toda a teologia das mulheres sobre as mulheres insistir-se em como Jesus Cristo nos aparece (di-lo Paulo) enquanto "poder e sabedoria de Deus".

De facto ha toda uma tradicao crista, em particular do sec.XIII, com Joachim di Fiori e os seus seguidores, que viram no Espirito Santo essa sabedoria. Mais: viram no Espirito de Cristo uma realidade "feminina" que ainda nao tomara forma. Outros grupos

seguiram na mesma época, de forma considerada na altura mais ou menos herética, um caminho semelhante.

Mas em breve o Renascimento e a Reforma apagaram os últimos vestígios do que seria uma Teologia tendo como fulcro o Espírito Santo. E porque? Porque uma certa autonomia de que gozavam as ordens religiosas onde teria sido possível elaborar essa mesma teologia foi prejudicada pelo facto de a Reforma ter acabado com as ordens religiosas no seu seio e, por isso mesmo, ter contribuído para reforçar, no seio da Igreja Católica, o modelo masculino e o controle hierárquico.

É certo que a personalização da sabedoria, tanto nos livros sapienciais como no Novo Testamento, parece apontar para uma realidade divina que tem tido muito pouco eco na atitude cristã.

Não é para mim uma questão decisiva (nem sequer bem colocada) a questão do masculino e do feminino - ou, de forma ainda mais simplista, a terminologia masculina ou feminina usada para falar de Deus. Parece-me uma questão secundária. Mais: se no cerne da revelação de Deus a Israel há a proibição de O transformar em imagem e de invocar o Seu nome em vão, e toda a expressão de antropomorfismo, quer masculina quer feminina, que é relegada para o domínio da idolatria.

Outra é a importância que tem para mim o facto de a revelação de Deus na história dos homens ter lugar na pessoa de Jesus Cristo que é um homem masculino. Retomando a tradição da Idade Média que referi - e mais longe ainda a tradição dos Padres da Igreja do séc. IV ao séc. VI<sup>17</sup> - não é certo que Cristo nos deixa o Seu Espírito até ao fim dos tempos? E não é certo que na identificação entre a sabedoria e o Espírito é de facto uma outra realidade que se exprime?

Não me é possível ir mais longe. Mas o que observo indica-me uma convergência, um caminho que não posso ignorar. O Espírito retoma nos nossos dias um importante lugar na vida cristã. As mulheres manifestam atitudes, gestos, experiências que são como que o "eco" desse Espírito-Sabedoria. E pergunto: e se a Boa Nova no nosso tempo fosse anunciada por essa manifestação do Espírito/Sabedoria através das mulheres como um povo?

Não se trata necessariamente das mulheres que uma especial intuição liga ao Espírito, nem dos grupos que no Pentecostes têm a sua força. Trata-se hoje - neste hoje que é também a continuação da "plenitude dos tempos" em que Deus é revelado humanamente na nossa história - das mulheres que de diversas maneiras procuram viver essa sabedoria.

---

<sup>17</sup> "Lettres de St. Macaire"



## 2. A LINHAGEM DAS MULHERES

E das quais somos herdeiras. Não ha identidade das mulheres - e retomo o que disse no inicio - não ha força colectiva das mulheres se não ha esse sentido de uma herança que se vai transmitindo de umas mulheres a outras. Toda a mulher que rompe a cadeia dessa herança passou para o campo que não é já o da identidade feminina.

E quando falo da herança das mulheres, penso não só nas mulheres cristas, mas também naquelas que não são cristas, que não se dizem cristas ou até algumas que se dizem não-cristas. E que em todos esses caminhos perpassa a procura de alguém, fala alguém, como que se antecipa o encontro com alguém. E que sobretudo elas manifestam alguma coisa dessa inteligência, dessa finura, dessa rapidez, dessa imensa bondade com que Salomão descreve a Sabedoria que cria todas as coisas.

Vem-me a memória o livro <sup>18</sup> em que Marguerite Duras fala em modo inequivocamente autobiográfico da sua cura de desintoxicação do álcool. É uma fase em que ela tem a sensação de ver pessoas e coisas que existem na sua imaginação (ou no seu inconsciente?) e que os outros à volta dela não vêem. As últimas duas ou três páginas contêm uma descrição impressionante: ela vê um homem de que não sabe a idade, os cabelos ora lhe parecem pretos, ora branca; ela vê esse homem todos os dias, de dia, à noite, vê esse homem; e ela conta: "ele não me fala mas faz-me uma pergunta como se houvesse qualquer coisa que eu devesse saber e que não sei. Ele continua a perguntar, ele continua insistentemente e eu não sei o que é que ele quer que eu lhe diga."

Se alguém perguntar a Marguerite Duras se ela é crista ela dirá que não é. Mas é tão pungente essa angústia de alguém que pressente a presença do outro, que pressente a interrogação, que sabe que há uma resposta nela e não sabe quais são as palavras porque não sabe qual é a pergunta e no entanto, como ela diz, devia conhecer a pergunta...

São muitas as mulheres neste século que percorrem este caminho. E se deixarmos de lado - como diz Clarice Lispector - "essas brincadeiras de crianças que são os problemas do sexo" e virmos outra coisa na vida das mulheres então a gente descobre ao longo de todo este século, década após década, mulheres que ao contarem a sua vida nos revelam alguma coisa que está para além de todos os cânones estabelecidos e para além da consciência da sua história que essas mulheres tiveram.

Essa "alguma coisa" que de formas tão diversas nos é revelada fala-nos dum tempo que é o do Espírito de Sabedoria que renova todas as coisas, que como diz Salomão "é a mãe de todos os

---

<sup>18</sup> Marguerite Duras, "La vie matérielle"

bens", que criou tudo o que ha no universo, que se estende de uma extremidade a outra da terra.

Hoje o Evangelho e a proclamacao do poder de dar a vida desse espirito/sabedoria. E a experiencia desse poder que nos liberta e nos torna capazes de escolhermos a nossa vida para a darmos nesse fluir continuo do Espirito/sabedoria: reunidas como povo vivermos o tempo do Espirito; dispersas como povo sermos espaco do Espirito.

Ha tres anos vi na California um quadro de Francoise Gilot no proprio atelier da artista <sup>19</sup>. Num momento particularmente importante da minha vida, em Marco de 86, passei horas a contempla-lo. Era uma casa baixa, de cor ocre ou branca, algures no Norte de Africa. Ca fora a paisagem e seca, sente-se o calor. A porta esta aberta. Mas nao se ve nada dentro da casa. Apenas dela irrompe uma grande luz. A porta, duas silhuetas de mulheres de que nao conhecemos os rostos. A essas mulheres sem nome Francoise Gilot chamou: "As guardias do limiar".

Acontece que para mim, a expressao Igreja do limiar, usada pelo P. Congar durante o Concilio Vaticano II e a expressao mais forte sobre o sentido da Igreja no nosso tempo. A menos que desejemos saudosamente criar pequenas "Igrejas", e sempre no limiar que nos podemos situar.

Porque: onde comeca a Igreja? - pergunta que o proprio Concilio deixou sem resposta definitiva, ao utilizar a palavra Igreja em nada menos que nove acepcoes diferentes das quais a menos importante nao e a da Igreja- humanidade inteira, variedade de tribus e de gentes que se encaminham para a Cidade Santa.

Mulheres do limiar tem assim um significado de uma imensa riqueza.

No limiar com aqueles que nao ousam dar o passo - porque muita coisa os retém.

No limiar com os que passam rapidos - porque o frenesim da vida os nao deixa parar.

No limiar com os que procuram os templos de todas as religioes - porque a demanda religiosa multiforme os tem levado a tempos e lugares onde Deus e intuido...

Mulheres do limiar a viver, a saborear os frutos do Espirito. E por isso soberanamente livres porque, como diz Paulo, "contra essas coisas nao ha lei".

---

<sup>19</sup> Francoise Gilot e uma pintora de origem francesa que vive actualmente nos EUA. E a mae de Paloma e de Claude Picasso. A sua perspectiva sobre a pintura esta explicita no seu livro "Ma vie avec Picasso"

E recordo a mensagem de uma escritora contemporânea brasileira que diz, de outro modo, essa mesma busca:

"Vou agora te contar como entrei nos interstícios

Fundação Cuidar o Futuro

